



MGR. JOÃO PEDRO FERREIRA AIROZA
BENEMERITO FUNDADOR E DIRECTOR DO COLEGIO DA REGENERAÇÃO
DE BRAGA

Braga, 29 de Dezembro de 1928

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA DA PAX -- BRAGA

NUMERO 352 — ANO VII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.^{da}

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES:

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correlo tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS:

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

.....

A'S MÃES

Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos?

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de fígados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FIGUEIREDO, L.da

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C.^A L.^{DA}

Completo sortido em artigos de mercearia fina. Especialidade em chá e café

Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA



Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela

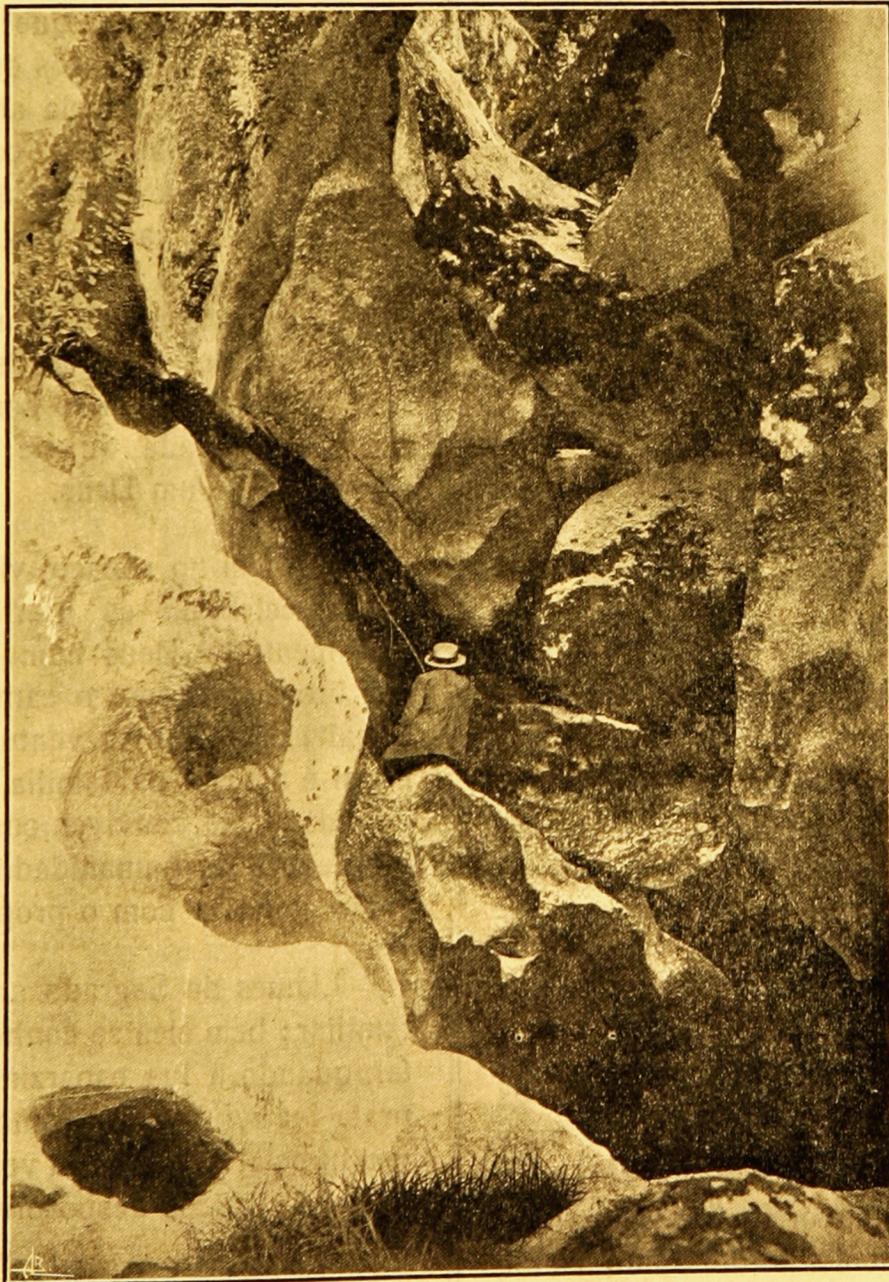
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º

Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 29 de Dezembro de 1928

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VII — N.º 352

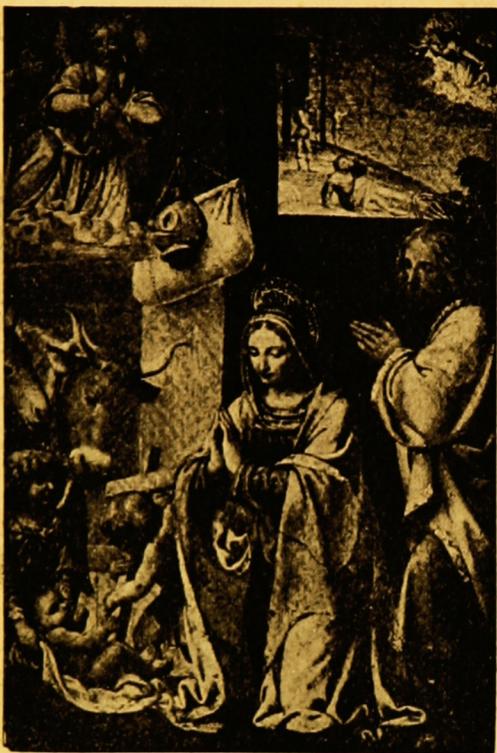


VIEIRA DO MINHO — GUILHOFREI

O RIO SUMIDO. ONDE O RIO DESAPARECE

BRINCA nos ares o som argentino dos bronzes sagrados; transmite de vale em vale a fausta noticia: Nasceu-nos um Menino!

Poalha de luz prateada cai das alturas esparzida pela branca selene, e à lua rutilam os flocos de neve, que as nuvens peneiraram nos pincaros da serra. E' a terra que se touca da nivea mantilha sponsalicia, para celebrar os místicos desposorios.



O Nascimento do Menino Jesus

As estrelas refulgem no azul-escuro do ceu, e pasmam ao ver o olhar penetrante daquele Menino roxeado de frio: nos ternos vagidos da vergonteia purissima, reconhecem o acento da voz soberana que ha muitos seculos vibrou no espaço ainda informe, chamando-as ao ser.

E ao som tintinante dos sinos respondem pandeiros e castanholas lonquinhas que vibram alegres. Um canto se ergue nos cantos do lar, onde a chama crepita mais doce; é a voz infantil, a mais pura, a só digna de erguer o louvor que os anjos disseram no fausto momento do Santo Natal. Gloria nos ceus ao Nome Divino, a paz sobre a terra aos homens que amou.

Mas esse Menino que a Mãe acalenta com suaves carinhos, e os anjos adoram, e cantam pastores, nas palhas mais pobres deitado, governa e impera. E' o Principe do seculo futuro, o doce Emmanuel que os profetas disseram, Admiravel, soberano da paz.

Por isso os meigos cantares da inocencia erguendo-se em torno do sacro presepio, são hinos, são cantos de gloria, de triunfo. Na frente lhe brilha um nome sagrado, na fimbria do manto ha de escrever o titulo da sua victoria, e ele se chamará tambem o Rei dos Reis.

Aquela divindade que o mundo não pode conter, que enche os orbes e transcende para alem da existencia até ao limite indefinivel da possibilidade, concentrou-se num ponto, assumiu a humanidade de uma criancinha, e sagrou a familia. Um homem será reputado seu pai; uma Mulher lhe dará o ser de homem, gerado pela moção do Espirito divino em suas castissimas entranhas. E aos olhos do mundo será somente, desprezada, ignorada, aquele misterio inefavel da familia de um Deus.

Retinem no espaço vibrantes sons de sinos; celebram as gloriosas noticias do nascimento de Deus humanado. E ao som dos bronzes se casa o canto festivo do lar esmaltado de santas venturas. A festa do Natal é a festa da familia; a descensão da divindade até conviver com os homens, é a ascensão da humanidade que pode desde então conviver com o proprio Deus...

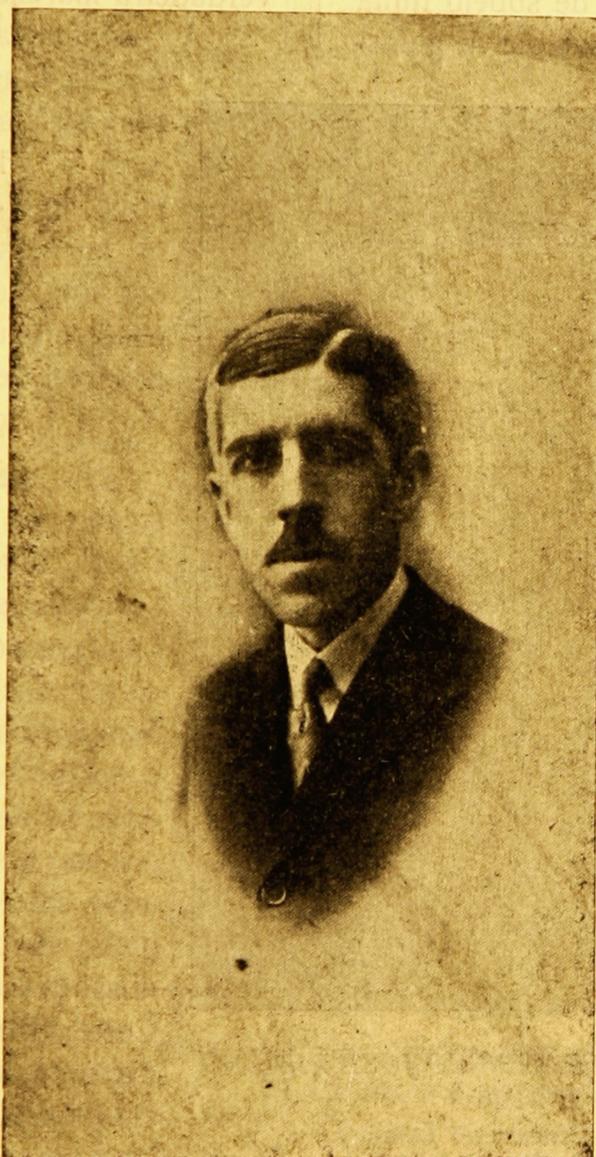
Liames de Sagrado amor são o codigo familiar: bem eles se conhecem á luz do Natal, quando a lua esparzindo seus raios de prata faz refulgir nos pincaros da serra o veu nupcial que a Terra vestiu para celebrar os seus místicos desposorios com Deus.



NOVO CONDE DE CARCAVELOS

(Dr. Nuno de Campos e Castro Pereira de Azevedo Soares)

Sua Magestade El-Rei, Senhor Dom Manuel II, acaba de auctorisar o Ex.^{mo} Senhor Dr. Nuno de Campos de Castro Pereira de Azevedo Soares, illustre fidalgo que nesta cidade conta gerais simpatias, a usar o titulo de Conde de Carcavelos que por direito lhe pertencia pelos falecimentos dos seus illustres progenitores, os muito nobres e saudosos Condes do mesmo titulo.



Felicitemos o novo titular, nosso distinto amigo, pela merecida Graça que El-Rei lhe concedeu, certos de que Sua Ex.^a, pelos merecimentos e qualidades que tanto o exaltam, ha-de ser um digno sucessor do honroso titulo que herdou e das nobres tradições da illustre familia Carcavelos, que tão exuberantes provas de dedicação e fidelidade tem dado sempre pela Familia Real Portugueza.

*O Exc.^{mo} Snr. Conde de Carcavelos
(Dr. Nuno de Campos de Castro Pereira de
Azevedo Soares)*

A inauguração do Seminário de N. Senhora de Lourdes, em Rezende

NA formosa vila de Rezende realisou-se com toda a solenidade, no dia 18 do corrente, a inauguração do Seminário de Nossa Senhora de Lourdes.

Se toda a diocese de Lamêgo devia naquele dia estar em festa pela criação do seu novo Seminário, razões de sobejo tinha Rezende para vestir-se de pompas e galas.



EX.º E REV.º SENHOR D. FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO
DE VIEIRA E BRITO
Venerando Bispo da Diocese de Lamêgo

A inauguração do novo Seminário, no seio deste concelho, ou adentro dos seus muros, devia certamente ser para ele, motivo de grande jubilo e regosijo.

E realmente assim foi!

Logo desde as primeiras horas da manhã, por todos os caminhos que conduzem á antiga vila de S. Gens, notava-se um movimento desusado e extraordinario.

Depois das dez horas, tudo se punha a caminho da capela de Rendufe, donde devia sair em procissão, a linda imagem de Nossa Senhora de Lourdes da Capela dos

Sais, que após o falecimento da bondosa Senhora Dona Virginia Fornelos, ali tinha sido carinhosamente guardada.

Em todo o seu trajecto, e desde Rendufe até ao novo Seminário, essa procissão revestiu um excepcional esplendor. Foi uma verdadeira marcha triunfal.

A assistencia do Ex.º Bispo-Coadju- tor, as longas filas de sacerdotes e seminaristas de sobrepelizes alvissimas, a affluencia extraordinaria de povo, que de continuo lançava flores, os acordes da musica, o estrealjar dos foguetes, tudo constituia um espectáculo unico, impressionante, impossivel de descrever e capaz de comover o coração mais indifferente.

Ao meio dia principiou a missa solene de Pontifical, cantada pelo Ex.º Bispo-Coadju- tor da diocese, acolitado pelos Capitulares da Sé de Lamêgo, com a assistencia de todo o corpo docente e discente dos dois Seminarios, de quasi todo o clero do concelho e duma selecta assistencia, onde se destacavam as pessoas mais gradas, e as principais familias do meio católico de Rezende. Ao Evangelho, subiu á tribuna sagrada, o nosso presado amigo e conterraneo Dr. Correia Pinto, que num bem elaborado discurso, e em rasgos de acentuada eloquencia, comoveu o illustre auditorio que religiosamente o escutava.

A' missa cantaram os alunos do Seminario, estando ao orgão o distincto maestro Almeida Saldanha, de Lamêgo. A sua execução, bem como a dos canticos que a entremeavam, foi simplesmente primorosa.

Finda a cerimonia religiosa, foram abertas de par em par as portas do novo Seminario ao publico, que logo invadiu e percorreu quasi todas as suas dependencias; é o bondoso Prelado, visivelmente satisfeito, acolhia com benevolencia encantadôra, todas as pessoas que o cumprimentavam ou dele se acercavam.

— Bem hajam os católicos de Rezende, que ainda desta vez não desmentiram os seus brios e sentimentos cristãos, e que num alvoroço intenso, e num grande entusiasmo, vieram em tão grande numero, e como que á compita, honrou com a sua presença, a inauguração do novo Seminario, mostrando assim que sabem guardar bem vivas e imaculadas, as tradições religiosas dos seus antepassados.

Era de esperar! Para um povo assim retintamente católico, não podia ser um facto indifferente e despiciendo, a erecção e inauguração dum novo Seminario na sua terra, porque sabe bem, que ele não é sómente um estabelecimento scientifico como qualquer outro, que tem apenas por fim ministrar a sciencia. Sabe que se é isso, é tambem muito mais que isso.

— O Seminario Católico, é como que o berço da nova geração sacerdotal, onde ela deve receber da nossa mãe amorosissima — a Santa Igreja — o leite espirital do ensino religioso, e duma educação esmerada e cristã.

O Seminario Católico, é como que um brilhantissimo fóco de luzes e de virtudes projectando-se sobre os povos, afim de operar a sua regeneração intelectual e moral. — E' em ultima analyse, como que um santuario de sciencia e virtude, onde os jovens aspirantes ao sacerdocio, segregados do meio onde refervem as paixões, devem ser cuidadosamente educados nas mais solidas verdades da fé e num sincero temor de Deus, que é o principio da sabedoria.

— E' no Seminario que a juventude estudiosa virá beber as limpidas e cristalinas aguas da sciencia católica, que lhes farão desabrochar na alma as mimosas flores da virtude.

E' ali que uma pleiade de jovens estudiosos virá ilustrar a sua intelligencia, e orientar-se nas grandiosas e sublimes verdades da razão e da fé, para depois nos combates da vida, serem os abalisados lutadores da verdade contra o erro, do bem contra o mal, da virtude contra o vicio.

E' finalmente no Seminario Católico que os jovens aspirantes ao sacerdocio, virão adquirir, em variado repositório de conhecimentos divinos e humanos, afim de poderem depois desempenhar cabalmente as elevadas funcções do seu sagrado ministerio, afim de bem poderem depois educar e instruir os povos na religião santissima de Jesus; e serem sempre, como lhes cumpre, os apóstolos do bem, os operarios do progresso, o espelho, a guia e o exemplo dos homens.



EX.^{mo} E REV.^{mo} SENHOR D. AGOSTINHO JESUS E SOUSA,
ilustre Bispo Coadjutor da Diocese de Lamêgo

— Bem hajam por isso as pessoas que com os Ex.^{mos} Prelados da diocese, colaboraram neste empreendimento. A sua acção e esforço, que só a Religião Católica foi capaz de inspirar, deverão ficar assinalados, e em letras d'ouro, nos fastos historicos desta diocese de Lamêgo. Entre eles merece especial referencia e menção, o Ex.^{mo} Sr. Rebelo Moniz, Presidente da Comissão Administrativa da Camara, que incessantemente, e sem desanimos, tanto trabalha pelo engrandecimento material e moral desta terra.

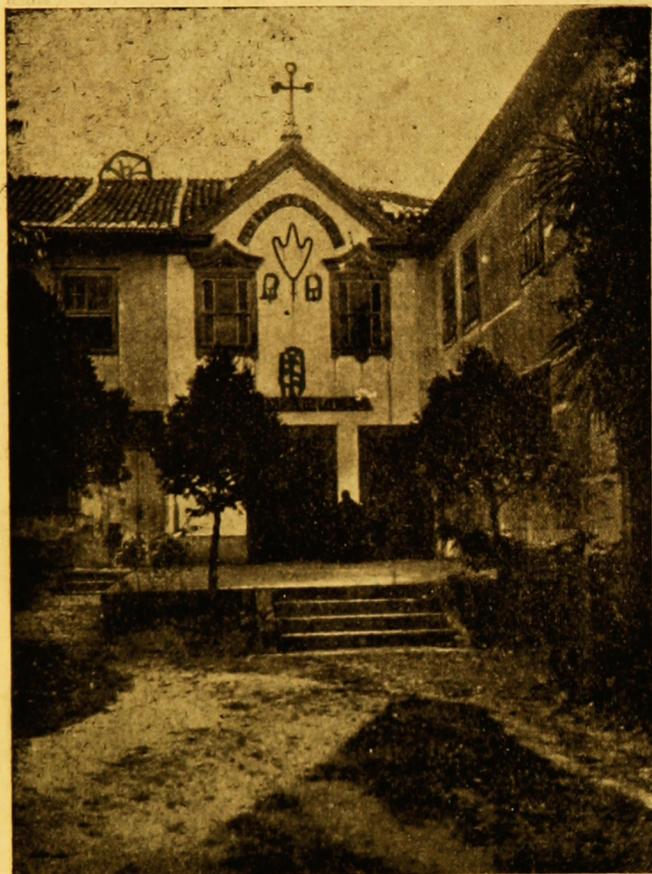
— Bem hajam as pessoas que tão generosa e tão dadivosamente concorreram

para esta obra. Os seus nomes hão-de repetir-se com louvor e veneração, nas gerações do futuro; e as suas almas generosas e caritativas terão sempre os peitos da mais cordeal gratidão e da mais sincera estima.

— Como ocorre recordar, e como tão a proposito vêm, as celebres palavras do piedoso escriptor francez Olier: «*Spesmessis in semine*».

São Cipriano de Rezende, 26-XI-1928.

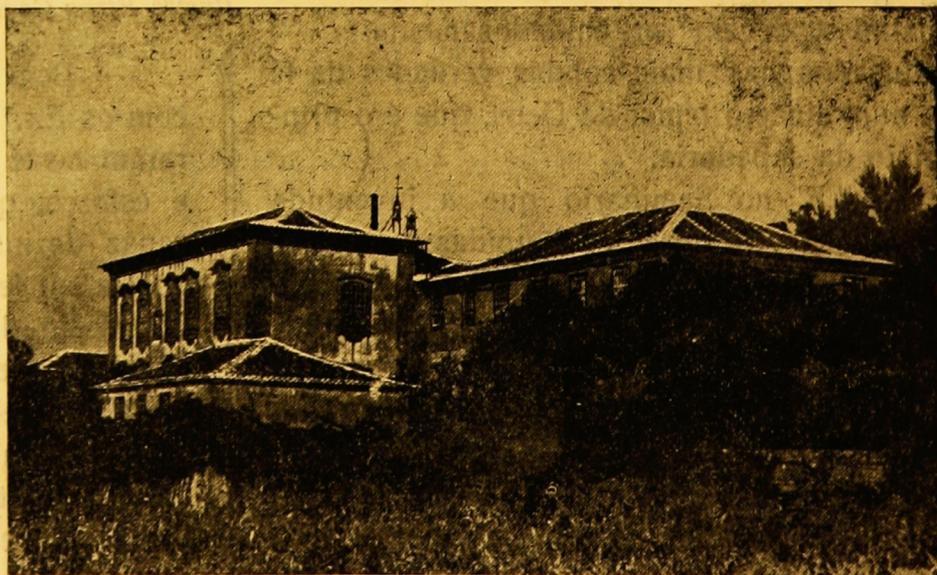
P.^e A. P. C.



*Seminario de Nossa Senhora
: de Lourdes, de Rezende, :
Diocese de Lamêgo. — (Ca-
: : pela e lado do Norte) : :*

(Fot. amador do Snr.
Dr. José Cochafel).

Via Ápia. — Era uma estrada que levava de Roma a Cápua. Fôra construída pelo Consul Apio Claudio, 313 anos antes da éra cristã, e foi depois continuada de Cápua até Brindes. Era de pedras cubicas muito duras. Ainda ha vestigios dela ao pé de Terracina.



*Seminario de Nossa Senhora de Lourdes, de Rezende, Diocese de
Lamêgo. — (Lado do Sul)*

(Fot. amador do Snr. Dr. José Cochafel)

ANECDOTA

O poeta inglez Dryden, notoriamente muito pobre, achava-se uma noite em companhia do duque de Buckingham, lord Dorset e outros nobres britannicos. A conversação era relativa á elegancia do estilo; e convencionou-se, depois de alguma discussão, que cada qual exprimiria nma idéa original num fragmento de papel: Dryden, nomeado juiz, declararia o nome de quem, a seu vêr, revelava mais gosto ou mais talento.

Emquanto as pessoas presentes se esforçavam em burilar sonoros periodos, lord Dorset tranquilamente, sem hesitação, traçou duas linhas. Quando todos terminaram, o poeta começou a examinar os escritos dando repetidos sinais de satisfação. Finalmente disse: «Devo reconhecer que vejo frases admiráveis e inspiradas; mas sou forçado a dar preferencia ao que escreveu lord Dorset. E todos concordarão, comigo, que se trata de uma obra-prima, depois de eu ter lido o seguinte: «Prometo pagar a João Dryden, ou à sua ordem, a soma de quinhentas libras esterlinas, Dorset.»

Mundus eum non cognovit

*Como filho de pobres ha nascido
O Senhor do alto ceu e mar profundo!
Na terra quer viver desconhecido
Aquele que do nada cria o mundo!*

*Aquele, que seu trono magestoso
Sobre os tronos do ceu e terra assenta,
Quer para si um berço doloroso
E com duras palhinhas se contenta!*

*Aquele, que domina a tempestade
E com raios fulmina a rocha dura,
Despoja-se de sua magestade
E vem obedecer á creatura!*

*Inefavel misterio! Alto segredo
Dum Deus que, por amor, se faz menino,
E assumindo o humano, esconde a medo
A grandeza e poder dum ser Divino!*

*Provando seu amor com tais extremos,
Ele veio a trazer a paz á terra.
Mas os homens, ingratos e blasfemos,
Levantam contra ele iniqua guerra!*

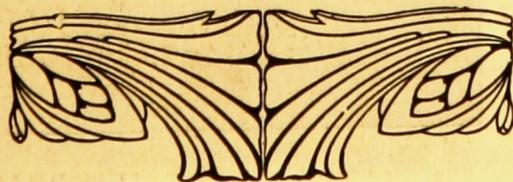
*Vinte seculos ha que ele ha falado,
Anunciando ao mundo a boa nova.
Mas o mundo anda cêgo e alucinado,
Ainda o não conhece ou o reprova!*

*Ele, a origem do bem, é perseguido!
Ele é a luz da luz, fecham lhe os olhos!
Da terra quis fazer jardim florido,
Mas a terra ainda teima em dar abrolhos!*

*Ambições, prepotencia e tirania
Guiam o braço e o coração do homem.
Agitam-se as nações, corre a sangria,
Cévam-se nela os odios que as consomem!*

*Senhor, Senhor, se acaso o mundo ingrato
Regeita a paz do vosso amor augusto,
Dai-a ao menos ao homem timorato,
Trazei a paz ao coração do justo!*

PADRE NUNES TAVARES.



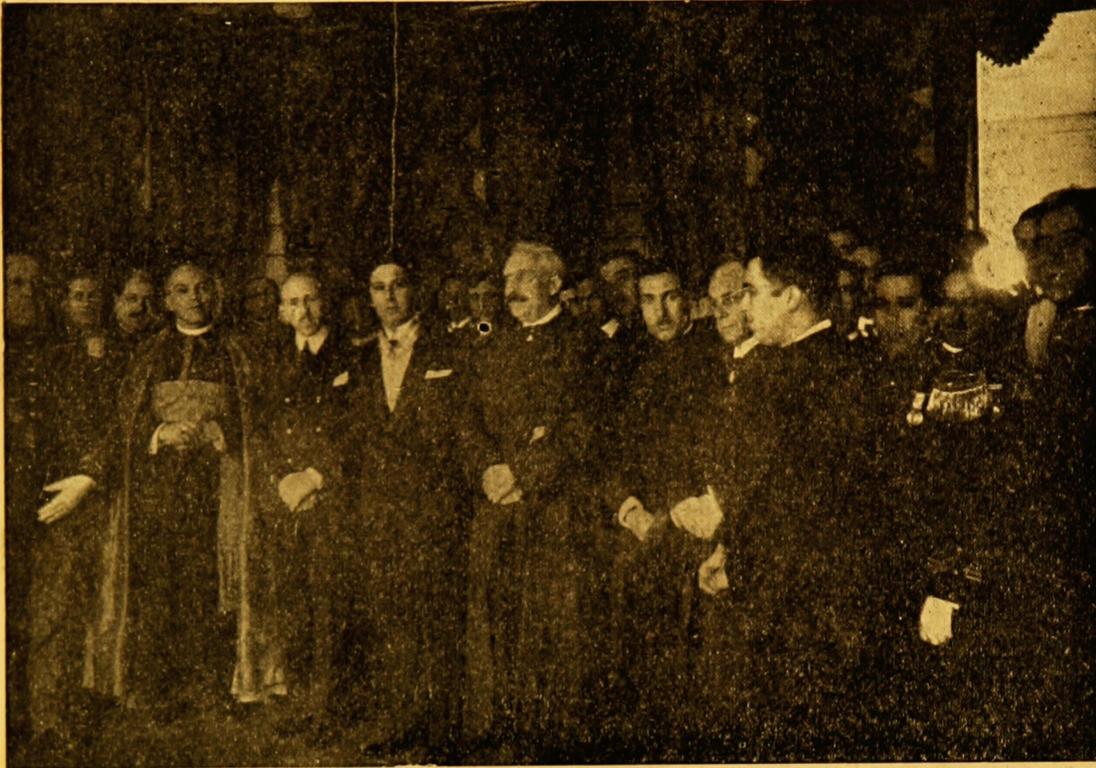
EM BRAGANÇA UMA FESTA PATRIOTICA

No passado dia 16, o governador civil de Zamora veio expressamente a Bragança para, em nome de Afonso XIII e do seu govêrno, condecorar, com a «*medalha de merito civil*», o capitão Tomás Frago, illustre governador civil de Bragança.

O vasto salão nobre do edificio do govêrno civil, por volta das 13 horas, encontrava-se repleto de convidados, tudo quanto em Bragança representa valor nos meios officiais, nas letras, nas artes no comércio,

Faz as apresentações o governador civil de Bragança, e, depois, o nosso hospede toma das insígnias, e, após um elegante, mimoso e gracioso discurso, lança-as ao pescoço do agraciado, abraçando-se os dois, no meio dos aplausos da assistência. Com a vivacidade e aprumo que lhe são peculiares, o capitão Tomás Frago pronuncia um vibrante discurso, em que enaltece as qualidades do povo espanhol, sendo vitoriado, no final, por todos os presentes.

Em seguida forma-se um vistoso cortejo, que se dirige ao monumento comemorativo dos mortos na grande guerra, onde o governador de Zamora deposita um ramo de flores, com as côres espanholas, e, no meio do silencio geral, pede uma oração pelos mortos, aos quais consagra, em nome de Espanha, uma lágrima de saudade. Terminada a sentida prece, o governador de



EM BRAGANÇA RECEPÇÃO NO GOVERNO CIVIL

- (1) — Governador civil de Bragança.
- (2) — Governador civil de Zamora.
- (3) — Prelado de Bragança.
- (4) — Presidente da Junta Geral de Bragança.
- (5) — Juiz de Direito.

(Fot. do sr. tenente Pimenta)

na indústria; pela escadaria, distribuido em alas, um pelotão de policia fazia a guarda de honra; no vestibulo, a banda regimental, formada, em grande uniforme.

Cêrca das 13 e meia horas, entra o governador de Zamora com a sua comitiva, sendo recebido ao som dos hinos espanhol e português.



EM BRAGANÇA Grupo de manifestantes em frente ao Governo Civil

(Fot. do sr. tenente Pimenta)

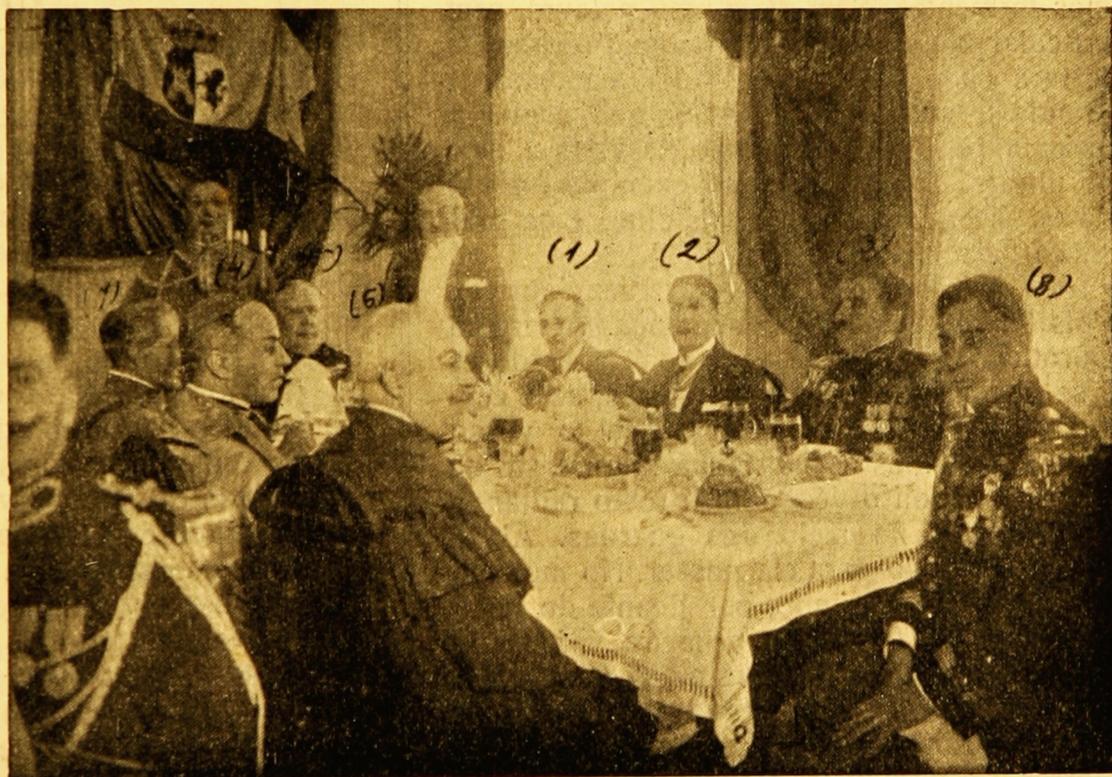
Zamora benze-se, sendo imitado por todos, e regressa-se ao governo civil, para dar começo ao almôço, que decorreu muito cordial e animado.

Ocupava a mesa de honra o governador civil de Bragança, tendo à sua direita o governador de Zamora, e, à esquerda, o comandante militar da cidade; em frente, o Prelado da Diocese, tendo à sua direita o doutor juiz de direito, e, à esquerda, o comandante militar de Zamora; nas testeiras da mesa, estavam o governador civil substituto e o presidente da Junta Geral. Depois da saudação do capitão Tomás Fragoso ao Monarca espanhol e ao seu govêrno, e do brinde do governador de Zamora pelo presidente da Republica Portuguesa e pela nossa nação, em frase tersa e lindamente burilada o chefe do distrito brigantino brindou pelo povo espanhol, cujas glórias e grandezas evocou. Segue-se o Prelado diocesano, que, recordando ter sido em Zamora que D. Afonso Henriques foi armado cavaleiro e que se urdiu a conspiração contra D. Teresa, que conduziu à vitória de S. Mamede e por consequência à autonomia da nossa pátria, fez votos por que as duas nações, as presente em situações tão semelhantes e ali tão brilhantemente repre-

sentadas naqueles seus dois ilustres filhos, possam, livres e independentes, marcar, como outrora, segura rota à civilização e impor o seu histórico prestígio na Europa. Com notável elevação falaram ainda vários oradores, devendo especializar-se, sem desdouro, o meritíssimo juiz da comarca, o comandante militar da cidade e o reitor do liceu, Dr. Pires Quintela.

Estomago do bacalhau

Assevera um dicionario de historia natural, referindo-se a Anderson, que recebeu da natureza o bacalhau um singular privilegio. Todas as vezes que lhe acontece engulir alguma coisa indigesta,



EM BRAGANÇA

O ALMOÇO EM HONRA DO GOVERNADOR CIVIL DE ZAMORA

- (1) — Governador Civil de Zamora.
- (2) — Governador Civil de Bragança.
- (3) — Major A. J. Teixeira, comandante militar de Bragança.
- (4) — Prelado da Diocese.
- (5) — Presidente da Junta Geral.
- (6) — Juiz de Direito.
- (7) — Comandante militar de Zamora.
- (8) — Major Coelho, Governador Civil Substituto de Bragança.

(Fot. do sr. tenente Pimenta)



EM BRAGANÇA — Monumento aos herois da Grande Guerra. (Fot. do sr. tenente Pimenta)

vomita o estomago, vira-o, pegado á bôca, já se sabe, de dentro para fóra, vasa-o completamente, lava-o com agua do mar, engole-o depois, torna a pôl'o no seu logar, e principia de novo a comer.

Aspiro aos eternos bens, e sei que, depois da lucta, irei descançar para sempre nesses jardins celestes, aonde os lírios nunca perdem a sua alvura, aonde as rosas floresçam brilhantes e perfumadas, aonde são oferecidos aos eleitos deliciosos fructos... Tenho pressa de lá chegar, e de me unir ao esposo da minha alma!

— Eu castigarei a tua bôca insolente, que ousa afrontar os deuses imortais e os invenciveis imperadores. Ordeno que sejas esbofeteada pela mão do algoz. Logo que Dorothea ouviu esta ordem, levantou o véo, que até então conservára descaído, e todos puderam ver o seu nobre semblante, que a geral curiosidade mais comovia que os mesmos tormentos. Sem dizer uma palavra, sem articular um queixume, a virgem recebeu a tortura com que o governador a ameaçara; orando fervorosamente áquele que, segundo as palavras do profeta, não desviára a face ao ultraje, e cujo poderoso exemplo animava os discipulos entre os insultos e na presença da morte.

— Não cedes? disse outra vez Saprício. Pois bem! escuta a tua sentença. A virgem Dorothea, que desobedeceu aos imperadores e se negou a sacrificar aos deuses, será cortada a cabeça. Ide, lictores, fazei o vosso dever. Os olhos de Dorothea fulguraram de alegria; deitou o véo para o rosto radiante, e colocou-se no meio dos guardas. Abriu alas a multidão para ela passar. No momento em que ia seguindo, por deante do mancoço que lhe falára da primeira vez, seguiu-a este respeitosa pelas roupas flutuantes, e disse:

— Dorothea, se o Deus por quem vás morrer é o verdadeiro Deus, envia-me flores desse jardim de que falavas ainda agora.

— Eu vol-o prometo, Teofilo, respondeu ela gravemente.

E partiu. Teofilo seguiu-a de longe, palido e com o peito oprimido. Viu-a parar perto do logar do suplicio; viu brilhar no ar o cutelo, ouviu os gritos do povo que lhe partiram o coração. Mas no mesmo instante tocaram-lhe levemente na mão, e Teofilo, voltando-se, deparou com um menino formosissimo, que lhe apresentou, sorrindo, tres deliciosos fructos e um ramo de rosas, que pareciam rociadas de orvalho.

— Dorothea te sauda, lhe disse o menino, e te envia estas flores e estes fructos do jardim do seu esposo.

Teofilo pegou naqueles fructos maravilhosos e naquelas flores que a terra não tinha visto desabrochar, e estremeceu, olhando em torno de si. Com efeito, as campinas

estavam despidas de vegetação, e as montanhas da Capadocia desenhavam-se no horizonte sob um manto de neve; não havia flores nem fructos senão no ceo, nas regiões da primavera eterna.

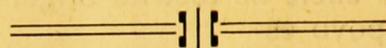
— Dorothea, disse ele, onde estás tu?

— Na patria, respondeu o menino. Bemaventurado os limpos de coração, porque eles verão a Deus nosso Senhor.

E desapareceu, deixando o celestial presente nas mãos de Teofilo, que, apertando as flores ao peito, correu para Saprício, exclamando:

— Sou cristão!

Naquela mesma noite, depois de longas torturas, que sofreu com incrível constância, Teofilo foi degolado, indo reunir-se, nos jardins do ceo, com a santa martir Dorothea.



A grande festa da familia cristã

Tem encantos como nenhuma outra esta que celebra o nascimento do divino redemptor da humanidade. A vinda de Jesus Cristo ao mundo pelos anos de 753-754 da fundação de Roma é o maior acontecimento de toda a historia.

Na formosa terra de *Lacio* o imperio de Augusto havia atingido a maxima grandeza e esplendor. Roma acumulava riquezas espantosas dos povos vencidos. *Vae victis!* Os triumphadores estadeavam nos seus famosos cortejos maravilhas de luxo, e era tanta a profusão e variedade de despojos opulentos das suas vitorias, que o *povo-rei* habituou-se á vida ociosa, para contemplar esses espectaculos deslumbrantes e sugestivos das festas publicas, que amorteceram o genio guerreiro, e o levaram ás torpezas do vicio e á perversão das ideias.

Neste estado de alma o romano não comprehendia o *Messianismo* prometido e destinado a regenerar a sociedade pagã, que se debatia na sua ruina rindo e folgando...

Mas lá para o Oriente, nas paragens agrestes de Betlem luzia a estrela que prenunciava o nascimento do *Menino-Deus*, em noite fria de inverno e numa pobre casa, onde pousara a *Sagrada Familia* para o Rei do ceu e da terra dar o primeiro exemplo de humildade cristã. O divino Redemptor vinha ensinar ao romano, ao judeu, a toda a humanidade, mergulhada na densa treva do erro, que o homem somente se nobilita e engrandece pelo trabalho honesto; e na vida moral santifica-se e vai até Deus pela humildade e pela dôr. Esta verdade do cristianismo nascente, tão bela e proficua nos

seus efeitos, tem ainda o encanto perduravel que leva todas as gerações, que passam, a romper em canticos de comovida ternura ante o presepio de Betlem.

Em 1877, numa linda manhã de maio, tive eu o grande prazer espiritual de ver em Roma, na basilica de *Santa Maria Maggiore*, a urna preciosa em que se guardam as *taboas enegrecidas pela acção do tempo, que fôram do berço do Menino Desu*.

Em Portugal, na terra dielcta de Santa Maria, o Natal é um dia cantante e dourado, de alegria comunicativa. Festeja-se ruidosamente na igreja, á *missa do galo*, com a gaita de fole, ferrinhos e pandeireta; e festeja-o tambem o bom pai de familia, reunindo á sua mesa a numerosa prole na noite de *consoada*, servindo-lhe o prato obrigado de *bacalhau cosido*, o fiel amigo dos pobres e dos ricos, ladeado de coxins de batata e de cebola. Após mais algum prato de peixe, condimentado a primor e regado copiosamente com vinho branco, servem-se as guloseimas, as deliciosas *rabanadas e mexidos* — a doce especialidade do Minho, commemorativa do Nascimento do *Menino-Deus*.

Os echos da simpatica festa prolongam-se até o dia de Reis, em que bandos de cantores dão as ultimas boas-festas aos donos das casas onde entram, ao som da viola, rabeça e ferrinhos, com os *vivas e despedidas* da praxe, até ao ano que vem...

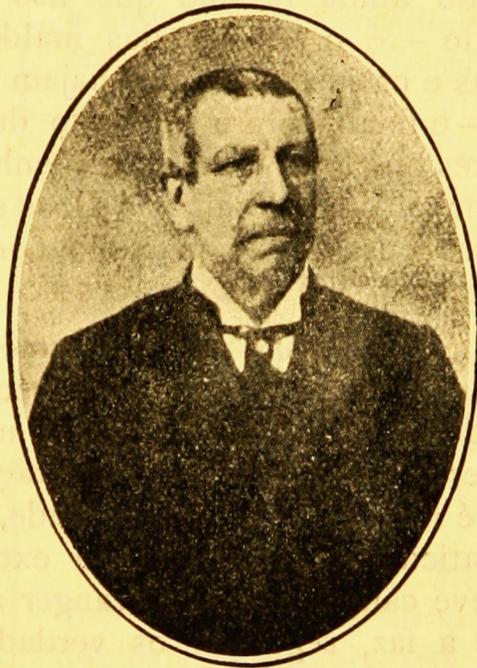
Em Roma, antes da nefasta entrada dos piemontezes ali em 1870, a festa do Natal era uma das mais belas e brilhantes. Por ocasião do Advento davam os primeiros rebates festivos os *Piferrari*, pastores da *Sabina e dos Abruzos*, de cabelos compridos e pretos, barba crescida, e com este traje pitoresco: chapéu tyrolez com longa fita de varias côres; capa curta de pano verde; calções de pele de ovelhas ou de cabras, meia alta e alpercatas. Dividiam-se estes musicos montanhezes em grupos de tres, tocando a gaita de fole, oboé e ferrinhos. A *Canzoneta*, em honra e louvor da *Madona e di Gesu Bambino*, é tão simples e pura como a fé dos cantores.

O Virginela, figlia di Sant'Ana

Nel ventre tuo portaste il buon Gesù, etc.

Chegado o dia de Natal havia missa do Papa na basilica de S. Pedro, e a sua entrada solemne era precedida pela guarda de honra dos *alabardeiros* com o seu uniforme gracioso e pitoresco, que lembrava o dos cavaleiros da idade media. Tomado o seu lugar defronte da *Confissão de S. Pedro*, avançava o brilhantissimo cortejo do Vigario de Cristo, indo este na *Secudila gestatoria*, resplandecente de ouro e purpura, com a tiara, (*triregno*, como lhe chamam

os italianos), que symbolisa a triplice dignidade de *Paí, Rei e Pontifice*, rodeado da sua faustosa côrte, composta do Sacro Collegio dos Cardiais, de numerosos Prelados e do patriciado romano. O Papa, bispo de Roma, não levava baculo. Porque? Resa a historia eclesiastica que entre os missionarios, enviados por S. Pedro a varios povos para os cristianisar, se conta S. Materno que fôra parar á Germania, onde morreu ao cabo de quarenta dias. Um dos seus companheiros do apostolado voltou a Roma para dar noticia ao Vigario de Cristo do tris-



JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES
Ilustre escritor católico

te acontecimento e para lhe pedir que preenchesse a vaga.

S. Pedro respondeu: *pegai no meu baculo, tocai com ele o morto e dizei-lhe da minha parte: levantai-vos e prégai*. Assim fez o enviado do Papa; S. Materno resuscitou, concluiu a sua missão, e veio a ser o 2.º bispo de Treves. Em memoria deste facto miraculoso o Sumo Pontifice só usa o baculo, quando visita aquella diocese.

Na missa papal, a que aludi, ha duas ceremonias interessantes, e são a benção duma magnifica espada de punho de ouro, — *Stoco*; e dum chapéu ducal, *Cimiero*, de veludo de carmim, forrado de arminho, ornado de perolas e cercado dum cordão de ouro, com um pombo no meio, symbolo do Espirito Santo. Estes objectos oferece-os o Santo Padre ao imperador, rei, principe ou guerreiro *que combateu valorosamente os inimigos da verdade, da justiça e da paz do mundo*.

JOSÉ DE AZEVEDO E MENEZES.

CARIDADE

A caridade é a flôr mimosa e sublime de todas as virtudes — é a abnegação do interesse e comodidade propria para utilidade do proximo — é a consolação levada ao que sofre despida de qualquer lucro — é o auxilio ao precisado sem pretenção a agradecimento — é o beneficio sincero e franco ao necessitado ainda mesmo que nos haja ofendido — é o perdão das maldades, afrontas e prejuizos que nos hajam causado — e finalmente o conjunto de todos estes preceitos para desempenho do mandamento devido amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmo.

A caridade não é só dar esmola ao pobre, repartindo com ele uma pequena parte do muito que nos sobeja; não é socorrer o indigente, por ostentação e favor, é mais elevada esta virtude, e a sua pratica tão rariada como extensa, não deve cançar nem constranger aquele que a faz, seguindo os verdadeiros preceitos; podendo todos e em todas as condições da sociedade opulentos ou humildes desempenharem esta virtude santa e benefica.

O rico com o seu ouro pode aliviar a desgraça e prevenir males grandes e até crimes.

O poderoso pode sem dispender, fazer grandes beneficios, empregando a sua protecção e valia.

Assim tambem o que vive parcamente, e até o pobre, podem prestar actos da maior caridade tão uteis ao proximo, como agradaveis a Deus.

O trato dum doente, a visita a um encarcerado, um serviço qualquer a quem precise, e que não possa desempenhar, são auxilios, consolações e confortos, que elevam a alma, purificam as imperfeições, e trarão com o arrependimento dos pecados o perdão e a graça de Deus.

Cinco bandeiras

Quando el-rei D. Afonso IV passou a Castela com fim de socorrer o Castelhana contra o Mouro, que infestava aquele reino, fazendo-se conselho, votaram os capitães castelhanos que se desse Tarifa aos Mouros, para que desistissem da guerra. Opoz-se el-rei generosamente a esta resolução dizendo: Eu não saí do meu reino com gente tão costumada a vencer, para consentir que os infieis se fiquem com logar, uma vez, possuido por cristãos.

Seguindo-se o voto del-rei, se deu a memoravel batalha do Salado, em que os Mouros ficaram vencidos. Oferecendo-lhe el-rei de Castela todos os despojos desta vitoria el-rei respondeu que não saíra do seu reino a buscar riquezas, senão gloria; e que tendo-o ajudado com as armas, o servia tambem com o fructo delas; mas que para levar ao seu reino a noticia daquela vitoria, tomava algumas armas do infante Aboamo, filho del rei Sejulmença e cinco bandeiras, que ganhara por suas mãos.

Serpentes monstruosas

Conta Plinio a historia duma serpente de 120 pés de comprimento, que nas guerras punicas, junto ao rio Bagrada, foi sitiada como uma fortaleza pelo famoso Régulo, com balistas, trabucos, e outras maquinas de guerra!

Fala tambem numa serpente giboa, morta no Vaticano, no reinado de Claudio, e no corpo da qual se achou uma criança inteira!

Quem as viu, lá se achou!

:: :: Os presentes do Ano Bom :: ::

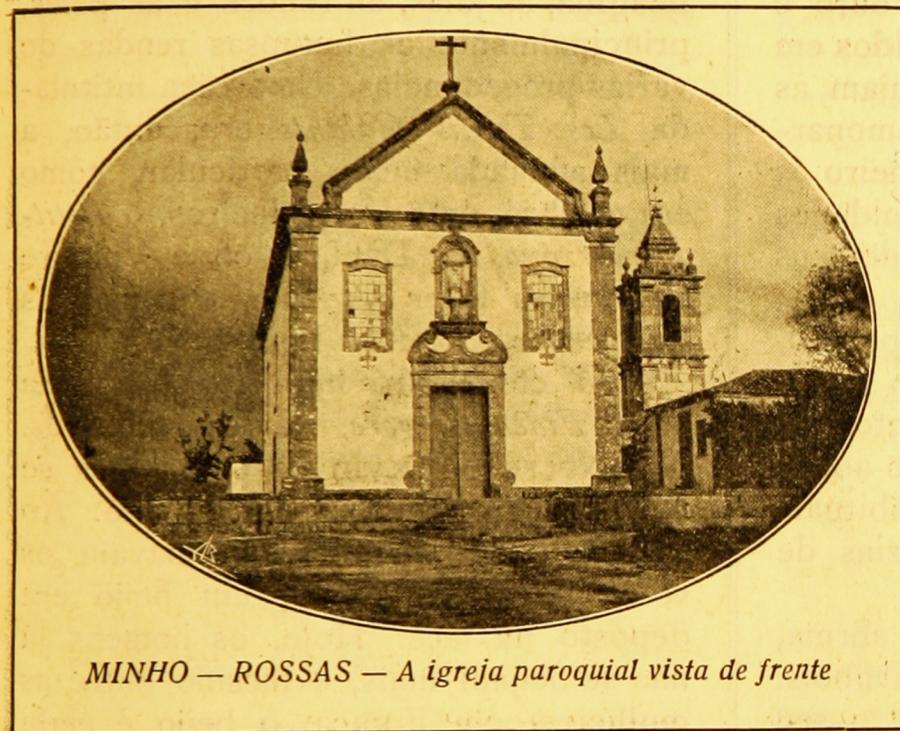
CONTRA O costume que se observa em certos paizes, de fazer presentes no dia de Ano Bom e dar dinheiro ás pessoas que ordinariamente nos prestam serviços, muito se tem protestado; mas os habitos contra os quais cada qual murmura são precisamente os que mais tenazes se tornam. E' uma contradição do espirito humano achar

daclarou *diabolicos* os presentes que por essa ocasião se faziam. Mas a moda resistiu á excomunhão.

Nós a vemos, mais florescente do que nunca, no periodo medieval. Na côrte dos duques de Bourgogne, em Gand e em Bruges, trocavam-se preciosos objectos no primeiro dia do ano. Em Paris, nessa mesma época, a affluencia dos compradores era imensa na celebre galeria dos *Merciers*, no Palacio, onde todos os negociantes de objectos de luxo e de graciosas bagatelas se reuniam.

Aí se vendiam joias de ouro e de prata, enriquecidas de pedras finas, tecidos orientais, tapeçarias, espadas, fivelas e cintos, sem contar, para as crianças, bonecas ricamente vestidas.

No reinado de Henrique III era tambem ali que se adquiriam os bilboquets, que toda a gente jogava, imitando o rei e os seus favoritos. Era ainda ali que, no tempo



MINHO — ROSSAS — A igreja paroquial vista de frente

a moda tiranica e submeter-se, entretanto, a todos os seus caprichos.

Não se suponha que a oferta de presentes no primeiro dia do ano, tão usada em França, constitua um uso moderno; em todas as épocas existiram as *étrennes*.

Na Roma antiga, o povo tinha o dever nesse dia de se apresentar, munido de um presente, no palacio imperial. O presente era feito em numerario, e conta-se que Caligula, pouco confiante nos seus servidores, recebia, no vestibulo do seu palacio, as dadas dos seus subditos e as guardava cuidadosamente em cofres, colocados ao seu lado.

O cristianismo procurou abolir esse costume; pronunciou o anatema contra as festas das calendas de Janeiro e

de Luiz XIII, os fidalgos compravam as fitas com que realçavam os seus elegantes vestuarios.

Durante mais de quatro séculos, a galeria dos *Merciers* foi o inexgotavel deposito de tudo quanto traduzia a moda nos seus multiplos aspectos.

Os reis e os principes de França eram adeptos das *étrennes*. Na côrte de Luiz XIV, o soberano fazia abundantes dadas e os cortezãos trocavam entre si os mais delicados presentes.

Em 1686, isto é, no ano em que os embaixadores siamezes visitaram a França, a moda tomou extraordinarias proporções. Os mensageiros do monarcha oriental tinham trazido ao *Roi-Soleil* as maravilhas artisticas do Sião: metais preciosos, vasos e taxas de ouro, por-

celanas raras. Muitos veículos tinham sido necessários para o transporte de todos esses presentes, de Brest a Paris.

Luiz XIV distribuiu generosamente esses objectos.

Na côrte, todos, sem excepção, receberam uma lembrança do longinquo paiz do Oriente.

Corriam dias de grandeza e de prosperidade. Vieram, porem, os ultimos anos do glorioso reinado: em 1711, os exercitos vencidos, a França invadida, a miseria nos campos, a fome em Paris. Os presentes de outróra, os *bi-blots* preciosos, as baixelas de ouro e prata foram na *Monnaie* convertidos em numerario. Os cortezãos restituíam as suas dadas ao rei; e o proprio monarca mandava transformar em dinheiro os pequenos canhões de ouro e os soldados de prata com que tinham brincado seus filhos e seu netos.

A tradição das *étrennes* perpetuou-se no seculo XVIII. O Regente encomendava para os amigos objectos de metal precioso ou diamantes. Ao administrador de Louvre ele dava, habitualmente, no Ano Bom, vinte duzias de queijos de Brie.

Só um homem, segundo se afirma, não fazia presentes: o cardial Dubois. Num dia de Ano bom, em que o seu criado lhe solicitava *etrennes*, ele respondeu:

—Dou-lhe tudo quanto me roubou durante o ano.

Naquele tempo, expunha-se ás peiores represalias quem não dava *etrennes* aos parentes e aos criados. Como exemplo disso poderia ser citado um epitafio composto por um sobrinho que viu morrer um velho tio antes que houvesse recebido o presente do Ano Bom:

*Ci-gít dessous ce marbre blanc
Le plus avare homme de Rennes,
S'il est mort la veille de l'an,
C'est pour ne pas donner d'etrennes.*

No reinado de Luiz XV, ofertavam-se, por vezes, estranhos presentes. Num ano excepcionalmente frio tendo o

Sena gelado e não podendo as embarcações chegar até Paris, faltara o combustivel.

E foi então moda enviar aos amigos pequenas achas de lenha.

Tambem durante o sitio de Paris, foram usados esses presentes uteis. Em vez de *marrons glacés* ou ricas caixinhas repletas de chocolate, mandava-se um pão ou um passaro morto. E essas *étrennes* eram acolhidas com prazer e gratidão.

Quanto ás elegantes do seculo XVIII, preferiam, como facilmente se imagina, as joias, as rendas e as peles, principalmente as luxuosas rendas de varias precedencias. Uma casa intitulada *Les Traits Galants* era, então, a mais afamada nesse particular, como era celebre, entre os joalheiros, o *Petit-Dunkerquo*, rue Daufine, onde Voltaire costumava fazer as suas encomendas nas vespas do Ano Bom.

O confeiteiro imposto pela moda era o *Fidèle Bergere*, rua des Lombards.

No século XVIII os parisienses se beijavam no primeiro dia do ano. Ao mesmo tempo que se formulavam os votos de prosperidade, um beijo era deposto na face. Hoje, os homens já não se beijam mais, e mesmo entre as mulheres, em França, o beijo é cada vez menos usado.

Fazia-se já um formidável consumo de cartões de visita nesse dia; confiava-se, porém, aos lacaios, o cuidado de os deixar nas residencias dos amigos.

Os costumes não tem sofrido sensível differença no ponto de vista das *etrennes*. As lojas da moda continuam a ser invadidas nas aproximações do Ano Bom e enviam-se cartões pelo correio; sómente o uso do beijo desapareceu. Pode-se dizer que só é beijado o bombeiro de teatro...

Essa asserção precisa de ser explicada.

Não ignora o leitor que em todos os teatros parisienses há, durante o espectáculo, um bombeiro, postado nos bastidores, na previsão de um acidente

em que ele possa ser util. Ora, entre as actrizes, supersticiosas por profissão, reina a crença antiga de que beijar o bombeiro à meia-noite de 31 de Dezembro, ao despontar do novo ano, dá felicidade. E' um meio seguro de ter bons papeis e de alcançar grande exito durante a estação teatral. Assim, naquela data os bombeiros de serviço chegam ao teatro radiantes e perfumados. Sabem o que os espera. E profundamente os orgulha a ideia de que, por um instante, podem ser os benevolos intermediarios entre as graciosas actrizes, que lhes depõem um beijo nas faces, e o feliz destino que elas ambicionam.

|||||

Impressões intimas

Não ha eloquencia de frase nem conceito de filosofia que tanto nos imprecione e comova nas horas tristes e dolorosas da nossa vida, como as lagrimas silenciosas e docemente derramadas *juntamente com as nossas*, pelo coração verdadeiramente amigo que em tais momentos se nos aproxima e procura consular-nos... partilhando a nossa dôr.

*

Se não fosse a resignação cristã que a Fé nos infunde e o desa-fogo suavissimo das lagrimas, poderia o pobre coração humano resistir á intensidade de dôr que por vezes o oprime?

*

Se as lagrimas cáem dos olhos, a dôr que faz derramar-las, sóbe do coração.

*

Não ha inimigos tão perigosos como os que se nos apresentam com a hipocrita mascara de amigos.

*

A maior parte das vezes é

mais profunda e pungente a dôr que o sorriso encobre do que o sofrimento que as lagrimas revelam.

*

A crueldade avilta o homem não só rebaixando-o até á condição de féra — mas tornando-o a peor e mais perigosa das féras — *uma fera racional!*

*

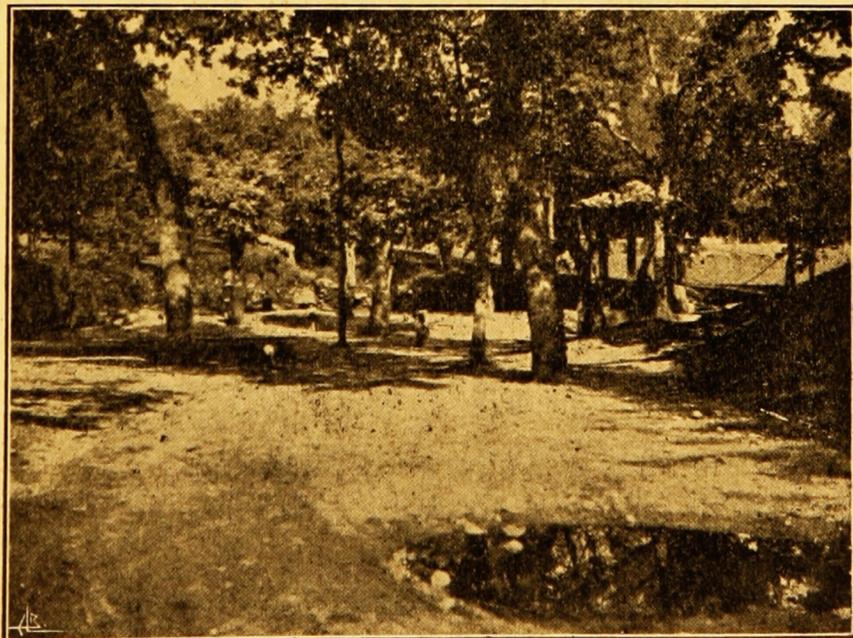
Na prosperidade e na opulencia não faltam adulações que estonteiem nem lisonjas de toda a especie que enganem e iludam. Mas ai!... quando se aproxima a adversidade, antes mesmo que ela chegue definitivamente, — de todas essas falsas e vãs demonstrações de apreço e estima que resta? — o pun-gir doloroso da desilusão e a descrença mais dolorosa ainda de tantas dedicações que se afirmavam, — por completo dissipadas como ténue fumo, ao sôpro desolador da adversidade que se aproxima!

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES

XX

A unica vantagem da calvicie é que desse modo estamos certos de que ninguem insultará os nossos cabelos brancos.

Jacques Normand.



MINHO — ROSSAS — Logar do Souto, onde está a ermida do Senhor do Souto com que o povo da freguezia tem grande devoção. A ermida pertence á Casa da Torre, do sr. dr. Peixoto de Magalhães

ANECDOTAS HISTORICAS

Pensamentos

Um dia de inteira ociosidade fatiga como uma noite de insônia.

Senn.

*

A preguiça consome insensivelmente todas as virtudes.

La Rochefoucauld.

*

Tudo no homem se reduz ao habito, mesmo a virtude.

Mestastasio.

*

A pena de talião é a justiça dos injustos.

Santo Agostinho.

*

Há virtudes que só se adquirem durante o infortunio; só nos conhecemos quando a desgraça nos fere.

M.^{me} Lambert.

*

A modéstia é para o mérito o que as sombras representam num quadro: ela dá força e relevo.

La Bruyère.

*

A verdade póde esperar. Ela não envelhece e deve ter certeza de que será reconhecida um dia.

Guyau.

*

O passado é semelhante a uma lampada colocada á porta do futuro, a fim de dissipar uma parte das trévas que o envolvem.

Lamennais.

*

A mulher que educa um filho, educa apenas um homem; mas a que educa uma filha, educa uma família.

Xavier de Maistre

*

No amor, a unica victoria é a fuga.

Napoleão.

De todas as artes, a architectura é a que menos se póde separar do povo, do qual ela segue os destinos e reflecte o génio.

Ch. Charaux.

*

As estações são ficções mitológicas; nunca as conheci. Não há inverno em Monaco; não há verão em Paris. Que é a primavera? Um aguaceiro. Que é o outono? E a « Queda das folhas » de Millevoye. As quatro estações estão dentro de nós... e no al nack, porém em nenhum outro lugar.

Arsène Houssaye

*

Os principios da moral são axiomas imutaveis como os da geometria.

V. Cousin.

*

Entre uma confidencia e a indiscreção só ha a distancia que vai do ouvido á boca.

Petit-Senn.

*

A primeira e a mais importante qualidade de uma mulher é a bondade.

J.-J. Rousseau.

*

Aquele que governa os homens deve, antes de tudo, saber perdoar

Lacordaire.

*

O espirito é como o sal; dele devemos usar com moderação.

Pythagoras.

*

O mais rico dos homens é o economico; o mais pobre é o avarento.

Chamfort.

*

Em todo o bloco de marmore ha uma estatua: trata-se de a libertar do que ela tem em excesso.

Alfonse Karr.